



ZL Vórtice no Museu da Casa Brasileira: negociações em espaços públicos

ZL Vortice at the Museu da Casa Brasileira: negotiations in public spaces

Paola Mayer Fabres

ORCID: 0000-0003-1533-8728
Universidade de São Paulo, Brasil

Resumo

"Urbanismo Ecológico", exposição realizada no Museu da Casa Brasileira, em São Paulo, reuniu um mapeamento de projetos de urbanismo interessados em experimentar alternativas para áreas de impacto socioambiental. ZL Vórtice, projeto situado nas áreas de várzea do rio Tietê, na periferia paulistana, foi um dos casos apresentados. Com o intuito de aproximar a proposta expositiva do contexto territorial de São Paulo especificamente e observar o diálogo que iniciativas deste tipo estabelecem com o campo da arte, o texto lança um olhar sobre a atuação de ZL Vórtice para refletir sobre instâncias de agenciamentos interdisciplinares da arte nos dias atuais.

Palavras-chaves

Campo da arte; ZL Vórtice; Museu da Casa Brasileira; Espaço Público.

Abstract

"Ecological Urbanism", an exhibition held at the Museu da Casa Brasileira, in São Paulo, brought together a mapping of urbanism projects interested in experimenting with alternatives for areas of socio-environmental impact. ZL Vórtice, a project located in the floodplain areas of the Tietê River, on São Paulo suburbs, was one of the cases presented. In order to bring the exhibition proposal closer to the territorial context of São Paulo specifically and observe the dialogue that initiatives of this type establish with the art field, the text takes a look at ZL Vórtice procedures to reflect on instances of interdisciplinary art agencies nowadays.

Key-words

Art field; ZL Vórtice; Museu da Casa Brasileira; Public place.

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.26 n.46
Jul/Dez 2021
e-ISSN: 2179-8001

“Urbanismo Ecológico”, exposição aberta entre outubro de 2020 e junho de 2021, no Museu da Casa Brasileira, centro de referência voltado à arquitetura e ao design, reuniu diferentes iniciativas de urbanismo interessadas em testar soluções de recuperação socioambiental em áreas de impacto no entorno dos grandes centros. Com curadoria de Marina Correia e Fabiana Araújo¹, o projeto resultou de uma parceria entre o museu e a Faculdade de Pós-Graduação em Arquitetura da Universidade de Harvard. Partindo do livro *Urbanismo Ecológico na América Latina*, organizado por Mohsen Mostafavi e Gareth Doherty, a mostra trouxe um mapeamento de soluções a fins de minimizar os sintomas de dilatação das metrópoles que vem desestabilizando os ecossistemas locais.

No espaço expositivo, via-se um conjunto de anotações e registros visuais de projetos ativados mundo afora. Quem transitou pelo ambiente, se deparou com uma série de experimentações que descreviam desde métodos de plantio e cultivo na Bacia do Vale do México, sistemas de coleta de água na região árida do Atacama, programas sociais ativados junto à comunidade da Favela do Sapé, até intervenções urbanas e ambientais do projeto ZL Vórtice, junto às várzeas do rio Tietê.

Para pensar sobre a proposta da exposição em um diálogo específico com o contexto de São Paulo e propor uma reflexão sobre a intersecção que iniciativas desse tipo estabelecem com o campo da arte, trago o caso ZL Vórtice² como foco da discussão.



Figura 01. Vista da Exposição “Urbanismo Ecológico 2020”. Curadoria, arquitetura e comunicação visual da exposição de Marina Correia e Fabiana Araújo. Créditos: Divulgação MCB.

O projeto surge na periferia da Zona Leste de São Paulo, no bairro Jardim Pantanal, zona crítica da capital que evidencia efeitos do processo histórico da sua urbaniza-

1- Arquitetas graduadas na Faculdade de Pós-Graduação em Arquitetura da Universidade Harvard.

2- Informações e documentação do projeto disponível em: <https://zlvortice.wordpress.com/>.

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.26 n.46
Jul/Dez 2021
e-ISSN: 2179-8001

ção. Como contextualização, vale lembrar que a cidade de São Paulo, hoje a maior área urbana do país, formou-se entre os rios Anhangabaú e Tamandateí. De lá, cresceu até ultrapassar as margens dos rios Pinheiros e Tietê. Com sua modernização, alterou drasticamente sua relação com a hidrografia do entorno. Se antes seus córregos e afluentes permitiam abastecimento, com o tempo, eles foram limitando sua expansão. E assim, a cidade foi mutilando seus rios, achatando suas curvas, reduzindo suas áreas de margens, afundando seus leitos e soterrando trechos abaixo de avenidas que abriam espaço para a soberania do fluxo rodoviário. A canalização dos cursos d'água foi a principal resposta do poder público para administrar o avanço e predomínio da área urbana. Nos dias atuais, grande parte do perímetro paulistano revela rios imergidos em valas de concreto, em um gesto de retificação que tenta impedir o avanço da água em horas de chuva ou de cheia. Mas os chamados polders – modelo de engenharia de muros de contenção de enchentes que apartam radicalmente o rio da cidade – vem desencadeando desequilíbrios naturais numa escala ainda maior.



Figura 02. Vista da Exposição "Urbanismo Ecológico 2020". Curadoria, arquitetura e comunicação visual da exposição de Marina Correia e Fabiana Araújo. Créditos: Divulgação MCB.

O Jardim Pantanal é hoje uma das poucas áreas ainda não canalizadas do Tietê no município de São Paulo. Com mais de 200.000 habitantes, o bairro constituiu-se em meio às várzeas do rio. E como consequência, moradores de lá encaram os piores cenários de alagamentos da periferia metropolitana, convivendo com a expansão cíclica dos rios, com o retorno do esgoto e a mobilidade restrita. É lá que tomou corpo o projeto ZL Vórtice. Nascido em 2015, de caráter experimental e colaborativo, ele tem realizado estudos sobre o território para pensar projetos que contribuam tanto com as condições habitacionais como com a preservação ambiental da região. Ainda destituído da infraestrutura de diques de contenção de enchentes, o Pantanal anuncia um potencial

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.26 n.46
Jul/Dez 2021
e-ISSN: 2179-8001

para se discutir, junto ao poder público, modos alternativos de intervenção que não a tradicional polderização.

O modelo de trabalho de ZL Vórtice aproxima pesquisadores, arquitetos, engenheiros, artistas e moradores. Coordenado por Nelson Brissac, filósofo, curador e idealizador do projeto Arte Cidade – programa emblemático de intervenções no espaço público –, o projeto cruza instâncias de investigação de campo, revisões cartográficas e adaptações de sistemas de monitoramentos da bacia hidrográfica com oficinas, workshops e seminários que unem instituições públicas e privadas com a comunidade local. Em parceria com a Associação dos Moradores do Jardim Pantanal (AMOJAP), estabeleceu pontes de diálogo com setores do órgão público, tais como a Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano (CDHU), a Empresa Paulista de Planejamento Metropolitano (Emplasa) e a Secretaria de Estado de Infraestrutura e Meio Ambiente (SIMA).

Ao longo dos anos, a reunião desses diferentes agentes sociais levou-os a desenhar um plano de ação para melhorar as condições de habitação no local. O plano foi apresentado ao poder público e nele estava incluída a elaboração de galerias drenantes, de *wetlands* construídos³, de um sistema de contenção de margens de córregos e de monitoramento hidrológico e geomorfológico do Pantanal. Levantamentos topográficos e expedições de campo realizados junto com os moradores também haviam permitido o reconhecimento dos principais focos de alagamento. Assim, contemplaram também no plano a instalação de um calçamento em concreto com canais de drenagem para absorção e infiltração da água da chuva. A nova calçada já estava começando a ser projetada pela artista Regina Silveira em parceria com Rafael Pillegi, ligado ao Laboratório de Microestrutura e Ecoeficiência da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo. Definições estéticas e estratégias de fabricação, implantação e manutenção da calçada estavam sendo desenhadas em workshops junto com a comunidade⁴.

Mais do que pensar em uma única solução resolutiva, percebe-se no plano apresentado a convergência de alternativas integradas, desencadeadas a partir de uma compreensão sistêmica e contingente do território.

Contudo, o plano levado por ZL Vórtice ao Fundo Estadual de Recursos Hídricos (FEHIDRO), gerenciado pelo Comitê da Bacia Hidrográfica do Alto Tietê (CBH-AT), foi inabilitado por não demonstrar “integração com o projeto já existente para a área”, em referência à implementação, ainda em curso, do sistema de pôlderes no local. A liberação

3- Espécie de alagados ou pantanais artificialmente construídos que reproduzem a operação de purificação da água realizada naturalmente pelas várzeas.

4- Dentro do plano apresentado, sistemas drenantes seriam desenvolvidos junto ao FabLab FAU-USP (Laboratório de Fabricação Digital da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo), como um dispositivo de escoamento de água, via moldes em microconcreto, para evitar empoçamentos. Seriam alocados sistemas flexíveis de contenção das margens de córregos, em parceria com a Associação Brasileira de Cimento Portland (ABCP), visando estabilizar taludes fluviais, com blocos de concreto articulados, fabricados no local. Prevvia-se também a construção de *wetlands*, intervenção elaborada por Luiz Orsini, ex-coordenador da Fundação Centro Tecnológico de Hidráulica (FCTH), como aparato de filtragem da água do rio e córregos, uma tecnologia sustentável e de baixo custo para tratamento de água. Além do mais, está previsto um sistema de sensores de monitoramento do rio, da qualidade da água e de deposição de detritos, desenvolvido pelo LabTEC PUC/SP (Laboratório do Programa de Tecnologias da Inteligência e Design Digital da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo), cujo intuito é a avaliação das condições ambientais na bacia hidrográfica. Para saber mais informações sobre as propostas desenhadas por ZL Vórtice (PEIXOTO, N. B.; GONÇALVES, 2021).

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.26 n.46
Jul/Dez 2021
e-ISSN: 2179-8001

de recursos tornou-se possível apenas posteriormente, com editais da cultura – setor onde já se consagraram produções de caráter aberto, processual e interdisciplinar.

Para pleitear a liberação de recursos, ZL Vórtice enfatizou a instalação das calçadas permeáveis como foco do projeto. Com participação ativa de uma artista de relevância nacional, com larga trajetória de atuação no espaço público, o calçamento (e suas faculdades tanto técnicas como estéticas), ao embaralhar o campo da arte com o da engenharia, adequava-se às premissas de direcionamento orçamentário do setor. E para não abdicar das outras estratégias planejadas, o projeto, além da fabricação da calçada, prepararia o terreno para concretizá-las futuramente. Assim, previu a demarcação *in loco* para a implementação da área de *wetlands*, bem como a promoção de programações socioeducativas e a montagem de um espaço de trabalho onde as soluções e tecnologias já esboçadas poderão ser discutidas, prototipadas, aperfeiçoadas e testadas com a comunidade. Para facilitar uma visão sistêmica desse laboratório de campo disseminado pelas ruas do Jardim Pantanal, o projeto ainda irá organizar um roteiro de visita às ações ativadas pelo bairro.

Foi assim que estudos voltados a criar ferramentas práticas de compreensão das dinâmicas das áreas de várzea e do manejo do sistema hídrico no bairro Pantanal consolidaram-se na chave de projetos culturais. Agora, o vetor artístico já presente nas atividades de ZL Vórtice posicionava-se como a ponta de lança para garantir sua continuidade, apresentar procedimentos e driblar restrições.

* * *

No contexto brasileiro, o racionalismo técnico-burocrático das instâncias da administração pública evidencia resistência na assimilação de projetos experimentais alternativos às soluções tecnológicas tradicionais. E isso demonstra falência há algum tempo. Luis Orsini, engenheiro e pesquisador do Centro Tecnológico de Hidráulica PoliUsp, parceiro do projeto no Pantanal, entende que muitos planejamentos urbanos fracassam pela falta de conhecimento territorial específico. Ao buscar a delimitação prévia e taxativa de soluções, desconsideram exercícios abertos e especulativos, visões interdisciplinares e a participação social, seja em etapas de análise como de proposição. Para Orsini, o trabalho do engenheiro ainda carece da incorporação de procedimentos dialógicos integrados com as comunidades envolvidas. “Até pouco tempo atrás, engenheiros chegavam com a solução pronta e o poder público acatava. Na melhor das hipóteses, a interlocução com a sociedade implicava apenas em prestar satisfações sobre aquilo que era realizado”⁵. Essa postura tecnocrática, promulgada modernidade afora, acostumou-se a não incorporar qualquer vocação local em instâncias de análise territorial.

Já no campo da arte, metodologias colaborativas vêm aparecendo com força há algum tempo. Artistas envolvidos em projetos como ZL Vórtice, que colocam seu traba-

5- Em entrevista realizada entre Luiz Orsini (Centro Tecnológico de Hidráulica PoliUsp) e Alexandre Gonçalves (Estudo Laborg). O registro em vídeo encontra-se no site do Museu da Casa Brasileira, disponível em: https://youtu.be/Z_8ivAg6pos Acesso em: 10 abr. 2021.

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.26 n.46
Jul/Dez 2021
e-ISSN: 2179-8001

Iho em meio a instâncias de integração social e espacial, passam a conceber um local menos como um reservatório de material formal ou representacional disponível e mais como um espaço no qual a ação pode ser constituída e reconstituída continuamente. Grant Kester (2011), teórico atento a projetos artísticos comunitários, indica que práticas dessa natureza, em vez de transmitir um conteúdo preexistente, giram em torno de uma experiência de modelagem recíproca. E assim, o que essas práticas nos apontam são esforços de descentralização. Por emergirem de interfaces coletivas, deslocam o lócus da produção criativa da ideação individual do artista para uma troca indeterminada, entre múltiplos interlocutores.

Kester também resgata o pensamento do antropólogo James C. Scott (1999), que faz uso do conceito grego *métis* para lembrar o valor do conhecimento "embutido na experiência local". Diferente da noção de episteme, enquanto conhecimento "genérico", "repetível" e "codificável", tal como a *techne* ou o *know-how* técnico, *métis* implicaria uma forma de conhecimento enraizado nas condições específicas de um determinado contexto e na sabedoria agregada daqueles que ali vivem ao longo do tempo. É desse modo que projetos que aportam perspectivas técnicas em diálogo com saberes empíricos, acionam uma crítica epistemológica (KESTER, 2011, p. 145) ao indagar quais formas de conhecimento são apropriadas ou necessárias para um determinado lugar, e reivindicam o direito de falar e de agir, mesmo enquanto contraponto às deliberações de autoridades.

A complementariedade entre *métis* e *techne*, na contramão da conduta tecnocrática e da abstração instrumental de planejamentos estatais, é parte central e constituinte tanto de ZL Vórtice, como de outras iniciativas presentes na mostra "Urbanismo Ecológico" (2020-2021). E um dos fatores de maior vigor da proposta expositiva foi justamente a sinalização da potência dessa correlação de óticas, ativadas territorialmente. É claro que, enquanto síntese de um mapeamento, a mostra impossibilitava um contado próximo com o universo de trocas de conhecimentos, de divergências discursivas, de receios, avanços, travas e desafios implicados em cada um dos projetos ali presentes – universo esse tão caro para qualquer análise crítica. Motivada pelo lançamento do livro que leva o mesmo nome, e seguindo seus fundamentos, "Urbanismo Ecológico" (2020-2021) respondia a uma função de catalogação, comprometida com um olhar sistêmico e quantitativo de casos dispersos geograficamente, o que inviabilizava um aprofundamento sobre as metodologias e procedimentos aplicados. Ainda assim, a mostra atuou como uma importante sinalizadora. Permitiu ao público frequentador o reconhecimento de modelos de trabalho que ampliam as instâncias de negociações interdisciplinares entre setores e que se dão no amálgama de interações coletivas. Assim, possibilitou o compartilhamento de trabalhos capazes de problematizar o regimento de políticas públicas, ainda que esse movimento seja marcado pelo dissenso.

No campo da arte, a natureza instrumental que caracteriza esses projetos instaura receio por quem prega um distanciamento crítico entre a arte e a resolução prática das insuficiências contemporâneas. O debate não é recente, mas ganha novos contornos quando se trata da atuação no espaço público – ainda mais nos dias atuais, já que trabalhos desse tipo são sintomáticos de uma época que já decretou crise aos

PORTO ARTE



Revista de Artes Visuais

v.26 n.46
Jul/Dez 2021
e-ISSN: 2179-8001

modelos disciplinares. E nesse fluxo de renegociação das condições de autonomia, vale observar o modo como o atributo artístico vem agenciando espaços que ultrapassam suas fronteiras. Se a modernidade calibrou a potência da disfuncionalidade do trabalho artístico, não deixa de ser curioso observar como os tempos atuais tem se aproximado dessa suposta inutilidade, convertendo-a em ferramenta operativa de intervenção.

Referências

- KESTER, Grant. *The One and the Many: Contemporary Collaborative Art in a Global Context*. San Diego: Duke University Press, 2011.
- PEIXOTO, N. B.; GONÇALVES, A. S. Jardim Pantanal: a instrumentalização de uma bacia hidrográfica. *V!RUS*, São Carlos, n. 22, Semestre 1, julho, 2021. [online]. Disponível em: <<http://www.nomads.usp.br/virus/virus22/?sec=4&item=2&lang=pt>>. Acesso em: 09 Set. 2021.
- SCOTT, James C. *Seeing Like a State: How Certain Schemes to Improve the Human Condition Have Failed*. Londres: Yale University Press. 1999



Texto recebido em: 20/09/2021
Texto aceito em: 30/10/2021
Texto publicado em: 18/11/2021

Paola Mayer Fabres

Curadora, ensaísta e pesquisadora de arte contemporânea. É doutoranda em História, Crítica e Teoria da Arte (ECA-USP) e mestra em Artes Visuais (IA-UFRGS, 2015). Atuou como crítica de arte no Centro Cultural São Paulo (CCSP, SP), na Trienal das Artes: Frestas (SESC, SP) e em revistas como *Select* (BR), *Terremoto* (MX), *E-flux* (US), *Contemporânea* (PT) e *Ateneo Cultural* (ES). Foi autora do livro *Arte contemporânea e processos sociais* e é coordenadora do programa de residência Comunitaria (Argentina, 2016-) e do programa de residência Casco (Brasil, 2021-). Atualmente, pesquisa as intersecções entre o campo da arte e processos comunitários, a partir de investigações práticas e teóricas voltadas à produção artística de caráter dialógico e colaborativo.

Como citar: FABRES, Paola Mayer. ZL Vórtice no Museu da Casa Brasileira: negociações em espaços públicos. *PORTO ARTE: Revista de Artes Visuais*, Porto Alegre, RS, v. 26, n. 46, nov. 2021. ISSN 2179-8001.

doi:<https://doi.org/10.22456/2179-8001.118587>
